

la multi-fonctionnalité
des femmes

et
le techno-culture - p. 25 L. 2
à dire

Fundação Cuidar o Futuro

não sublembra nada

Programa

INTRODUÇÃO

Crise do petróleo, fontes de energia, qualidade de vida, interrogação ao progresso. Neste ciclo - cujos termos têm ocupado, com maior ou menor globalidade, as páginas de jornais e revistas - irrompe, de forma nítida, a ambiguidade de que gradualmente se revestira a noção de progresso.

Falo de ambiguidade por me parecer que nos últimos anos a noção de progresso foi marcada por:

uma ilusão expansionista da técnica;
uma limitação concentracionista do humano.

Progresso ilimitado a revelar-se nas constantes conquistas da ciência e da técnica - julgavam uns;

progresso localizado a exprimir-se nos privilégios adquiridos dos desenvolvidos sobre os subdesenvolvidos - subentendiam outros.

São estes dois mecanismos que actuam na crise actual e, ao revelarem-se, manifestam-se como parte da "ideologia do progresso" na história de cada homem e na história da humanidade no seu conjunto.



Na verdade, é legítimo perguntar por que razão se veria na limitação desta fonte de energia uma limitação ao progresso técnico. Será o progresso mais fábricas, mais automóveis, mais máquinas eléctricas, tudo à base de uma só fonte de energia?

Não é o progresso mais do que uma só maneira de resolver os problemas repetição até ao infinito?

À transformação trazida ao mundo técnico pela limitação de uma das suas variáveis - o tipo de energia utilizado - não vem suceder-se um desejo de operar sobre as outras variáveis e de abrir novos caminhos e novas possibilidades?

Não é o progresso a capacidade que o homem tem de abarcar problemas cada vez mais complexos, não porque a complexidade seja em si maior perfeição que a simplicidade, mas porque ao tentar resolvê-la na matéria em que mergulha e nas instituições que os sistemas sociais vão gerando, o homem poderá talvez captar melhor a complexidade da sua própria existência, irredutível a uma época, a uma forma de vida? Ao compreender (não me atrevo a dizer "dominar") a sua própria complexidade o homem percebe, intui a complexidade do outro. E acontece-lhe como à(s) personagem(ns) de Bergman no filme "Persona" - o que se passa em si e nos outros é idêntico, não na superfície da existência mas no "ou-

tro-do-outro" que existe em cada um de nós.

E é nesta passagem do quantitativo técnico ao qualitativo humano que se joga, em meu entender, a "batalha decisiva do progresso". Tal é a reflexão fundamental que a presente situação pode sugerir.

Mas logo esta reflexão conduz a outra : por que pôr em causa o progresso quando apenas está afectada uma parcela da população do mundo?

Não deverá antes dizer-se que é o progresso do mundo ocidental que é abalado nas suas premissas?

Na verdade, por que hávemos de deixar inconscientemente em ver o progresso como a "flora" e a "fauna" tecnológicas de uma só zona do globo?

Por que razão há-de ser mais progresso continuar o ocidente a escalada consumo-produção-consumo do que terem os homens todos condições para se alimentarem, lerem e pensarem, viverem como gente, tornarem-se também uma voz do mundo?

Não é o progresso a capacidade que os homens têm de se descobrirem solidários e de, no vai-e-vem contínuo das lutas e dos interesses, construírem essa solidariedade, embora a saibam fugaz, momentânea, precária? A "crise do petróleo" terá sido ocasião de progres

se se aqui e além se esboçou o movimento para essa solidariedade. Que podem os homens desejar senão viverem como irmãos?

Ideologia do progresso

Nas duas reflexões que acabo de fazer estou a denunciar as duas expressões que mais profundamente caracterizam no nosso tempo o que podemos chamar de "ideologia do progresso".

Em primeiro lugar, denuncio a situação que qualifiquei de "ilusão expansionista da técnica". Denuncio na ideologia do progresso a atitude que só quer ver a tendência assintótica da ciência e da técnica para um crescente domínio da matéria.

Tal ideologia ainda não passou a "barreira do som" do progresso. Porque esse crescente domínio se chama hoje controle da poluição, descoberta de tecnologias intermediárias, valorização de recursos desconhecidos e ainda não aproveitados, organização do tempo de trabalho, estruturação da educação permanente, revolução verde, que sei eu!, tudo o que significa a passagem de uma noção cumulativa de novas aquisições, a tecerem trama do progresso, para um novo tipo de problemas cuja solução não está na sequência imediata da última descoberta. O salto qualitativo dos últimos dez anos pôs a humanidade face a problemas que nunca conhecera e que só traba-

provincianos da primeira metade do século pa-
ra o contexto mundial em que hoje, necessa-
riamente, todos os problemas têm de ser enca-
rados. Como é possível deixar que nos embale
a ladainha do progresso se ele não é planetá-
rio? Hoje o progresso não é o novo investi-
mento da fábrica de fibras acrílicas, não é
o novo sistema de ensino de uma escola ou de
um país, não é a transplantação de órgãos hu-
manos em hospitais hiper-apetrechados. Se o
progresso diz respeito à maneira como cami-
nham os homens, então temos também aqui de
reconhecer o salto qualitativo que a faciliti-
dade de comunicações trouxe consigo. Todo o
problema é planetário; todo o progresso só
tem consistência real quando planetário.

Fundação Cuidar o Futuro

As duas atitudes da ideologia do progresso
que referi convergem singularmente num ponto:
a pessoa humana é a sua evolução.

Porque a ideologia assenta no acréscimo quan-
titativo, a realização humana torna-se sinó-
nimo de expansão ilimitada do eu, para culmi-
nar numa miragem de sucesso permanente.

Porque a ideologia é localizada e circunscri-
ta, não lhe interessa que a minha expansão
pessoal cerceie outros: "eu sou o centro do
mundo".

Daí todas as técnicas que fazem nascer nas
rãs o desejo de serem bois (sem a vantagem

pedagógica de lhes ser contada no início a velha fábula!); que desarticulam a pessoa humana em funções diferenciadas e autônomas procedendo ao invés daquela simplificação-na-complexificação a que, apesar de tudo, Teillard nos habituara; que fazem surgir a palavra "processo" no horizonte das vidas e dos encontros, palavra carregada de uma expectativa ansiosa de que há um objectivo a atingir, de que se está a caminhar para um progresso, de que o que quer que aconteça terá "sido positivo"... que é a forma corrente de disfarçar a angústia do sucesso.

Transborda depois a ideologia do progresso em messianismos da sociedade dos homens, quer se reforce a sociedade "perfeita" que os conservadores querem reter a todo o custo quer se delineie a sociedade "nova" que os revolucionários querem impôr. E também aí as duas atitudes da ideologia do progresso convergem. Por um lado, a convicção ingénua de que a técnica de organização das sociedades cresce continuamente, que não há hiatos na construção social, que os homens são puros se as estruturas forem puras. Por outro lado, a preocupação unilateral com um grupo de homens, com uma classe social, com um país, perdendo a noção de que só solidariamente os povos encontrarão caminhos novos para todos.

:: :: ::

Progresso e Reino de Deus

Perante esta denúncia, alguém perguntará o que anuncia o Evangelho. Creio que o Evangelho anuncia, na sua fenomenologia de promessas, a própria esperança num certo tipo de "progresso" - não num progresso linear, mas quebrado, em zigue-zague, onde há lugar para o trabalhador da undécima hora, para o bom ladrão, para o publicano; não num progresso localizado, mas rasgado, onde cabem os samaritanos, os gentios e os povos de toda a terra a quem a Boa Nova deverá ser proclamada. Em outras palavras, o Evangelho propõe-nos a esperança no progresso e ao mesmo tempo a esperança no anti-progresso.

Anuncia a salvação, proclama o Reino. Mas diz-nos que a salvação se conquista perdendo a vida e que para o Reino se entra pela porta estreita.

Jesus Cristo resume uma e outra esperança. Em Cristo, "quando foi chegada a plenitude dos tempos" revelou-se a Glória de Deus. Em Cristo, "quando chegou a sua hora" revelou-se a fraqueza de Deus. Estranho paradoxo este que só a Cruz é a Ressurreição na sua total antinomia vêm tornar aceitável.

Paradoxo que afinal recapitula a trajectória de tantas experiências fundamentais da nossa vida...

Trabalhamos, conquistamos, realizamos - e os homens dizem que é o sucesso. E, no entanto, nós sabemos que, terminada a obra, dado o máximo de nós, cansados os músculos e os nervos, no coração do sucesso se inscreve o fracasso. Um para além de... que não se atingiu, uma outra meta que não se venceu, uma "dor de ser quase" que faz evaporar-se, cá dentro, o sucesso.

Ousamos contra os poderosos, insistimos em favor dos que nada podem, ganhamos experiência e terreno - e os homens dizem que é o poder. E, no entanto, nós sabemos que, vencidas as primeiras barreiras outras se levantam, que onde julgávamos encontrar companheiros se revelam rivais, que onde estivera a utopia se desenha os contornos impiedosos de uma realidade de que não podemos furar os muros. Sentimos então que no coração do poder se inscreve a impotência. Uma raiva surda perante os obstáculos, uma vergonha incontida de não poder mais, uma vontade quixotesca de tudo desbaratar que faz desagregar-se, cá dentro, o poder.

Aprendemos, lemos, pensamos dum jeito diferente - e os homens dizem que é o saber. E, no entanto, nós sabemos (com outro "saber"!) que, ditas as palavras, renovadas as ideias, desencadeadas em girândolas festivas, a ins-

piração e a lógica, no coração do saber se inscreve a ignorância. Uma inquietação pelas palavras não escutadas, pelos livros não lidos, pelas conversas não faladas, pelas histórias não vividas, a diluir, cá dentro, o próprio gosto do saber.

Estudamos, calculamos, tornamos as ideias viáveis, os sonhos operacionais - e os homens dizem que é a técnica. E, no entanto, nós sabemos que, elaborados os estudos, realizados e verificados os cálculos, experimentada a racionalidade do sistema, nascida a centelha que converteu a intuição em realidade concreta, postos em execução os sonhos que tornámos números, leis, materiais, casas, pão, apesar de tudo, no coração da técnica cumprida se inscreve inexoravelmente a insegurança. Uma básica e visceral desconfiança das certezas, uma entranhada vivência da lei das probabilidades, uma desilusão perante os contornos demasiado nítidos do sonho-feito-coisa - e logo, cá dentro, oscila, interroga-se e acusa-se a técnica.

Erguemo-nos contra os opressores, defendemos os amigos na praça pública, dizemos aos Reis que justiça não é feita - e os homens dizem que é a luta. E, no entanto, nós sabemos que, cerrados os dentes e os punhos para aparar os golpes, esgrimidas as espadas do direito

e da ironia, desencadeada a força incontida com que em nós lutam os que não têm voz, no coração da luta se inscreve a mais nua vulnerabilidade. Uma pobreza de meios e de tudo que a mais ligeira estocada deixa ver, um medo das feridas que os outros vão abrir no corpo gasto, um desejo de fugir para onde nada nos possa atingir, uma dor antecipada de todos os esforços não reconhecidos, de todas as traições revividas - e aí fica, em farra-
pos, a coragem da luta.

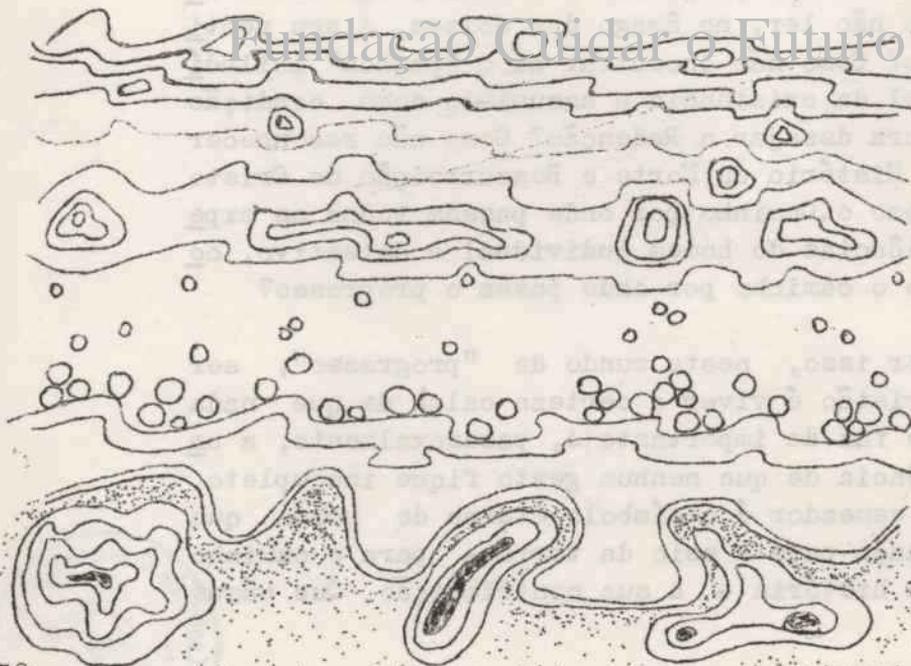
Paradoxo da existência a repetir-se em tons e momentos diferentes, alternância em que se desdobra o progresso e o anti-progresso - como não ler, no âmago das coisas, o seu sentido? Como não encontrar ali o "pathos" ineludível da existência e assumi-lo como condição para desejar a Redenção? Como não reconhecer o Mistério da Morte e Ressurreição de Cristo como o Caminho por onde passam todas as experiências do homem individual e colectivo, como o caminho por onde passa o progresso?

Por isso, neste mundo de "progresso", ser cristão é viver a certeza calma de que nada se faz de importante, e, paradoxalmente, a urgência de que nenhum gesto fique incompleto. O semeador é o símbolo eterno do homem que lança para o seio da terra - para o caminho da história - a sua contribuição. Que húmus

poderá fazer germinar a semente? Que ervas daninhas ao lado dela crescerão? Que aves virão, à sucapa, comê-la? Que água a conservará no equilíbrio instável da sede satisfeita e renovada? Que processo misterioso, escondido e aparentemente sem fulgor, a vai transformar naquela coisinha verde-tenra que rompe a medo a camada da terra que os homens pisam, tem a sorte-acaso de não ser esmagada, acolhe um tempo favorável e desabrocha depois no fruto que outros homens virão colher?

M. L. P.

Fundação Cuidar o Futuro



ção de Deus não faça mais do que reflectir os diagnósticos circunspectos das ciências humanas. O importante é que sejamos capazes de ouvir essa palavra como verdadeiramente a profecia de Jesus Cristo - profecia que não quer dizer previsão do amanhã, mas visão de hoje na renovação de Deus.

A dificuldade actual do cristianismo, imagino que por todo o mundo, mas pelo menos no Ocidente, é que, em princípio, ele é mensagem de uma renovação decisiva num dado cultural em processo de envelhecimento. Este facto é experimentado, de forma quase universal, como um dado cultural simultaneamente importante e ultrapassado pelas novidades prodigiosas do nosso tempo. Toda a gente conhece, talvez até conserve no seu museu imaginário, o contributo da cultura cristã. Mas quantos de entre os nossos contemporâneos e quantos de nós mesmos - sem cair na inflação a-cultural do autoritarismo biblicista, transcendental ou eclesiológico - acreditamos que a renovação de Deus é decididamente mais inovadora do que a inovação humana?

A nossa tarefa não é provar a validade universal do sistema cristão, nem tão pouco, por uma modéstia que tocaria as raias do cepticismo, calar a palavra da fé. A nossa tarefa consiste em dizer e viver o não-conformismo de Deus no meio da realidade do nosso tempo, em analogia com o radicalismo e a paciência dos profetas bíblicos. E se a palavra da Igreja é verdadeiramente palavra de Verdade, esta ser-lhe-á devolvida pelo mundo descrente, que porá à prova a sua capacidade criadora. Isto é tanto mais verdade quando vemos que Jesus foi sempre

reconhecido em primeiro lugar por aqueles que ele libertava, reconciliava e efectivamente esclarecia, para só depois ser reconhecido pelos seus, como aquele que vinha verdadeiramente de Deus, para trazer à terra a renovação. A fé repete, diz de novo, como afirmação - "homologia" - aquilo que apercebe em primeiro lugar como movimento, como surpresa - "kerygma". Pode ser que o papel da Igreja seja justamente o de conservar como afirmação o que o mundo descobre e experimenta como surpresa.

"DOMINAI E SUBMETEI A TERRA..."

Ao fazer do homem o gerente da criação, a bíblia não convida a uma exploração desmedida dos recursos naturais, mas à subordinação do seu poder tecnológico ao serviço da libertação de todos os homens. Surgen-nos assim, a nós cristãos, algumas questões imperiosas:

- O que afirma de específico a escatologia cristã sobre o destino final do universo?
- O que traz de específico o evangelho ao processo de libertação e desenvolvimento que hoje é apresentado aos homens como "salvação"?
- Será realista procurar um desenvolvimento que seja basicamente concordante com as bem-aventuranças evangélicas?

B. Bonvin

UM DEUS DO INSUCESSO ?

Jürgen Moltmann
in "Communion", Verbum Caro,
vol XXVI, nº 104

A tese de J. Moltmann, neste artigo, não é, certamente, nova. Se alguma coisa é nova é o contexto ideológico em que ela se insere. Não é novo falar da Cruz de Jesus Cristo como fundamento e cerne de toda a vida cristã. Mas talvez seja novo ouvirmos defender que esse dado teológico é incompatível com os mitos do sucesso e da acção que caracterizam as sociedades ocidentais contemporâneas. O Deus revelado em Jesus Cristo é um Deus que aceitou o "pathos" da Cruz. Será possível ser cristão e viver na "a-patia" e no activismo superficial?

Necessidade de uma revolução... reu". "Deus não pode morrer"... Encadeados por tais slogans, que saída procurar?

Alguns, empenhados na luta por uma Igreja e por uma sociedade mais humanas, não encontraram outra solução senão meter entre parêntesis a questão de Deus e procurar esquecê-la. Abandonando a Igreja, agarraram-se a outras ideologias e continuaram a lutar por um mundo melhor.

Esse tipo de atitudes e de opções vem pôr-nos perante uma realidade que muitas vezes esquecemos: sem uma evolução do nosso sentido de Deus, não há fé revolucionária possível. Sem que a nossa ideia de Deus seja liberta dos "ídolos" do medo e do orgulho, não se pode conceber uma teologia verdadeiramente libertadora.

De facto, é sempre em função da ideia que faz de Deus que o homem concebe o seu projecto de humanidade e é em relação àquilo que reconhece como ser supremo que ele se define a si mesmo. Orienta a sua vida segundo aquilo a que atribui valor supremo e determina as suas opções em função do que julga ser absoluto. "Aquilo a que te prendes, aquilo em que pões a tua confiança, é isso, no fundo, o teu Deus" (Lutero).

Uma crise cristológica ca

Por detrás da crise política e social da Igreja na sociedade contemporânea, pode vislumbrar-se uma crise cristológica. Em que se fundamenta, afinal, a Igreja? Quem é Jesus Cristo para nós hoje?

Ora estas questões supõem outras, também profundamente ligadas à identidade do cristianismo: quem é o Deus em cujo nome somos convidados a viver como cristãos? É Jesus crucificado ou são ídolos da religião, da classe, da raça ou da sociedade?

A vida cristã não poderá manter a sua credibilidade sem uma nova explicitação da fé que diz professar. A menos que soframos de uma lamentável miopia, dificilmente aceitaremos uma nova praxis cristã, se ela se mantiver vinculada a uma teologia envelhecida. As mudanças reclamadas pelos movimentos de protesto ou outros grupos que participam na luta pela libertação dos oprimidos só serão autênticas para os cristãos se surgirem, simultaneamente, do interior, do irreduzível da fé cristã.

No centro da Fundação Cuidar é Futuro está a história de fé cristã... um homem de Nazaré. Um homem que anunciava aos pobres, aos marginais, aos párias, que o Reino de Deus estava próximo. Anunciava-o pelo perdão dos pecados, por milagres de libertação, por sinais de esperança. O seu caminho foi um caminho de sofrimento: foi morto numa cruz, acusado de blasfêmia e subversão e foi abandonado por Deus. Foi esse homem que, segundo o testemunho da fé pascal, Deus ressuscitou. Foi nele que incarnou o futuro de Deus e da liberdade. Por isso, no coração da fé cristã, encontramos a história de um Deus que se rebai-xou, que tomou sobre si o sofrimento de tudo o que é de-
sumano até aceitar morrer num abandono total.

Qualquer que seja a margem em que nos situemos - conservadores ou revolucionários, satisfeitos com a sociedade em que vivemos ou desejosos de a transformarmos - acreditamos todos na acção e no sucesso, convencidos de que é através de projectos e de realizações eficazes que seremos capazes de resolver todos os problemas.

A nossa sociedade ocidental é, assim, necessariamente optimista: os conservadores felicitam-se pelos sucessos que os seus antepassados - e eles próprios - obtiveram. Os revolucionários aspiram a novos sucessos, diferentes dos do passado. Os dois partidos sofrem, afinal da mesma miopia e acabam por embarcar na mesma galera... Qual é o seu Deus? É o Deus da acção, o Deus forte que se encontra sempre do lado das forças vitoriosas, o Deus poderoso que conduz os seus à vitória. É o ídolo da história, dos sucessos da humanidade.

Fundação Cuidar o Futuro

Em que medida a divindade desse Deus permite ao homem humanizar verdadeiramente a sua vida, se viver lhe aparece apenas como agir e produzir, fazer e dominar? O ênfase assim posto, da maneira unilateral, na acção e no sucesso, priva o homem da sua humanidade, fechando-o aos outros polos da vida, que são a fraqueza e a sensibilidade.

Que secura nos atravessaria o coração, se a dor dos outros deixasse de nos tocar? O homem do sucesso não chora e só por delicadeza lhe acontece rir. Só o que intensifica a sua actividade lhe aparece como bom. Os outros são apenas concorrentes na luta pela existência... Por isso, o homem que crê num Deus da acção e do sucesso

torná-se, progressivamente,, num homem apático, incapaz de partilhar o "pathos" dos outros, incapaz da "sympatia" que é comunhão com o mundo, com os outros e consigo mesmo...

O Deus sofre Ao Deus do sucesso e ao homem de acção cujo dor e o ho- coração se tornou apático opõem-se o Deus sofredor e o mem vulnerá homem vulnerável no seu amor, que encontramos no cerne vel da fé cristã. O Deus crucificado nada tem a ver com o Deus fabricado pelos idólatras da acção - sejam eles pro duto da sociedade optimista e instalada ou fruto do acti vismo revolucionário dos que se erguem contra ela.

A realidade atroz da cruz opõe-se à antiga e à nova teologia da glória, de que a Igreja se serve para não perder o passo face à mentalidade reinante na nos sa sociedade activista.

Repugna-nos a ideia de um Deus crucificado, por isso preferimos converter a imagem da cruz num ído- lo do nosso optimismo prático e das nossas cruzadas. Es quecemos que não há verdadeira teologia da esperança que se não baseie, em primeiro lugar, numa teologia da cruz, como não há utopia de uma humanidade nova que não passe pela conversão do homem da a-patia e da acção em homem da sym-patia, da receptividade e do amor.

Nenhuma teologia cristã, seja ela teologia da libertação ou outra, pode justificar-se se fizer economia do sofrimento de Deus sobre a cruz. Sem isso, não há vida.

Deus presente Olhemos dois séculos para trás: A sociedade eu no sofrimen- ropeia está impregnada de optimismo sistemático que se to dos ho- exprimiu na fórmula: "Tudo vai bem, no melhor dos mundos". mens É o século das luzes, em que a natureza, os princípios, as ideias são considerados reflexos do Deus poderoso e glorioso. Pouco falta para que este mundo de ordem e harmonia se converta em Reino de Deus... Até que, em 1755, tem lugar o famoso terramoto de Lisboa. Minado pela base, o optimismo corrente converte-se num pessimismo, que toca mesmo, por vezes, as raízes do nihilismo.

Nos nossos dias, os "tremores de terra" ou seus equivalentes não devem procurar-se apenas na natureza, no mal físico, mas em tudo o que há de desumano na história. Para o povo alemão e para os judeus da última guerra mundial, foi Auschwitz. Para os brancos, os ricos, os donos do mundo, será o grito das massas famintas, oprimidas ou submetidas à discriminação racial. Para as nossas civilizações tecnocráticas, poderá ser a morte da natureza. O nosso optimismo fundamental está a ser minado pela base. O que tomará o seu lugar: o cinismo? a apatia?

Não sei como foi possível, depois de Auschwitz, continuar a creditar em Deus, continuar a acreditar no homem. Mas sei que para mim teve sentido a história que E. Wiesel conta, a propósito de Auschwitz, no seu livro "A Noite":

"Enforcaram dois judeus e uma criança, forçando os prisioneiros a contemplar a cena. Os homens morreram rapidamente, mas a criança teve

um suplício longo. A certa altura, alguém, atrás de mim gritou: "Onde está Deus?" Silêncio geral. Meia hora mais tarde o mesmo grito: "Onde está Deus? Onde está ele?" E em mim uma voz respondeu: "Está ali, suspenso da força..."

Depois de Auschwitz, qualquer teologia seria inaceitável, se não se tivesse rezado o Pai Nosso nas câmaras de gás e se o próprio Deus não tivesse estado presente, sofrendo com os mártires, com todos os que foram assassinados. Se assim não fosse, qualquer oração seria uma blasfêmia. Face a um Deus absoluto, um Deus da acção e do sucesso, a nossa atitude seria de indiferença; esqueceríamos os mortos, sem encontrar sentido para o seu sacrifício.

Fundação Cuidar o Futuro

A Cruz - A fé cristã não traz em si uma nova concepção de Deus, em oposição ao Deus da tradição judaica. Traz, sim, a esse Deus uma nova identidade, cujo traço fundamental é a paixão, a cruz do Cristo.

Segundo a fé cristã, é impossível imaginar entre Deus e o homem uma relação directa, que não passe pela pessoa histórica de Jesus Cristo. É pelo reconhecimento de Deus em Cristo é, mais precisamente, no Cristo crucificado, que a comunhão entre Deus e os homens se torna possível, no Espírito.

Em Cristo, diz São Paulo, Deus revela-nos a sua identidade mais profunda. Ora qual é essa identidade

de? Que implicações tem ela para nós?

Fundamentando-se na epístola aos Filipenses, capítulo 2, a teologia cristã fala do "auto-abaixamento" definitivo e perfeito de Deus, na pessoa e na morte de Jesus sobre a cruz. Deus toma assim a condição finita e limitada do homem. Não só a toma, como a aceita e a integra na sua própria vida.

Deus não se faz espírito nem exige que o homem se eleve a espírito para o encontrar. Faz-se carne, rebaixa-se. Faz-se plenamente homem, para que cada um possa, pela sua simples existência, participar na sua vida.

Se o abaixamento de Deus encontra a sua expressão mais completa na Cruz de Cristo, isso significa que Deus não só entra na finitude do homem, como na situação de "abandonado de Deus". Em Jesus, Deus não assume uma morte natural; assume a morte violenta de um criminoso, sobre a cruz. No Golgota, ele conhece a morte no abandono total.

Quando - segundo Marcos 15,24 - Jesus morre na cruz gritando: "Meu Deus, por que me abandonaste", um centurião romano responde: "Na verdade, este homem era Filho de Deus". Paradoxalmente, em Marcos, é um pagão que confessa Jesus Cristo filho de Deus e, precisamente, no momento em que Jesus se confessa abandonado pelo Pai. Esse pagão não viu, portanto, um herói divino nem um benfeitor da humanidade. Não viu sequer uma vítima inocente sobre a cruz. Ouviu Jesus gritar o seu abandono e a sua rejeição pelo Pai e acreditou.

Quer isto dizer que o Filho, abandonado por Deus, toma sobre si a morte dos abandonados, dos rejeitados, para se tornar o Deus de todos os homens, mesmo aqueles que a sociedade rejeita ou marginaliza. Deus feito homem está presente e perceptível na humanidade de cada homem e ninguém precisa de dissimular ou de negar a sua humanidade para o encontrar. Mesmo na esfera em que cada homem se sente abandonado ou alienado de si mesmo, o Deus crucificado está presente, pois não há abandono ou alienação que a morte de Jesus não tenha tomado sobre si.

É por isso que diante dele ninguém tem necessidade de autojustificação ou de autoculpabilização. Nada pode excluir o homem da dor de Deus. Os infelizes e desgraçados entram sem condições ou restrições na plenitude da comunhão com Deus. Na cruz de Cristo, Deus tomou sobre si a morte absoluta para dar a vida eterna aos homens condenados ao insucesso e à morte.

O sentido do sofrimento humano

Que lugar tem então o homem no espaço aberto por esta nova identidade de Deus revelada na Cruz de Cristo? Para a história dos sofrimentos do mundo, que significa reconhecer a Cristo crucificado? Quem sofre sem razão, começa sempre por se sentir abandonado de Deus e de todo o bem. Ora aquele que, no fundo do seu sofrimento, se volta para Deus não faz senão juntar a sua voz ao último grito de Jesus. Nesse momento, Deus não é apenas para ele um companheiro escondido que ele invoca; é, ao mesmo tempo, e num sentido muito pessoal, o Deus humano que grita com ele e nele, que toma o seu



lugar quando o suplício abafa o seu grito. Dessa maneira, todo o que sofre participa da identidade de Deus.

Que quer isto dizer?

Quer dizer que só aquele que sofre, vive verdadeiramente. Só ele pode conhecer o amor e descobrir que a vida vale a pena ser vivida.

Quem não ama torna-se apático e deixa de sofrer. Pelo contrário, quem ama, torna-se vulnerável e sofre. Quanto mais capazes somos de sofrer, mais capazes somos de felicidade e, inversamente, quanto mais somos capazes de experimentar a alegria, mais capacidade temos de conhecer também a tristeza. É essa a dialéctica fundamental da vida humana. É o amor que dá vida à vida e torna o homem mortal. Tanto na vida como na morte os critérios fundamentais do sofrimento e da alegria são apreendidos ao mesmo tempo, como indissociáveis, numa ligação fundamental a que chamamos amor.

Como pode, porém, o homem permanecer no amor, apesar das decepções, da dor, da morte?

A fé suscitada pela identidade de Deus que se revela na cruz não dá à questão do sofrimento uma resposta religiosa, justificando-o ou atribuindo-lhe um valor moral. Vai à raiz mesma do sofrimento humano e descobre na sua origem a dialéctica do amor. "Quem permanece no Amor permanece em Deus e Deus nele". (1 Jo 4,16). Onde quer que haja homens a sofrer, porque amam, Deus sofre neles e eles sofrem em Deus.